

ENFERMAGEM E ENFERMEIRAS *

Amália Corrêa de Carvalho (**)

Sinto-me profundamente honrada em ministrar a aula inaugural do ano letivo de 1972 nesta Escola. Ao agradecer a gentileza do convite quero fazê-lo em meu nome, em nome da Associação Brasileira de Enfermagem (ABEn) na qual exerço o cargo de Presidente, ainda que nos últimos meses de gestão, e também no da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo, a cujo corpo docente pertença.

Uma aula inaugural é sempre motivo de expectativa e curiosidade. Constitui a abertura oficial de um novo ano letivo para cujo início professores e alunos já trazem uma série de propósitos e metas, senão planejados sistematicamente, e documentados em planos de trabalho feitos com cuidado e determinação, pelo menos elaborados teoricamente em pensamento e traduzidos em boas intenções e boa disposição para o estudo e para as atividades programadas pela escola.

Para mim constitui, portanto, um grande privilégio o poder participar dessa expectativa geral; poder dirigir-me a tão interessada audiência nesse primeiro dia de aula; poder, talvez, contribuir para trazer novamente à lembrança de professores e alunos desta Escola, certos aspectos da nossa profissão já um pouco esquecidos em virtude da atual euforia produzida pelo progresso rápido e contínuo no desenvolvimento do ensino da enfermagem em nosso País. As mudanças que se operam em todos os setores da atividade humana e que procuram, justificadamente, substituir técnicas e procedimentos obsoletos por métodos e processos modernos e mais eficientes, trazem consigo o perigo de, muitas vezes, destruir os valores essenciais em que se baseia uma profissão ou uma ocupação.

Com relação à enfermagem poderá acontecer que dentre as práticas e conceitos desprezados encontrem-se as práticas e as verdades básicas para a preservação do espírito de servir que deve animar todo o pessoal de enfermagem. Poderá acontecer também, que dentre as

(*) Palestra proferida na aula inaugural do ano letivo de 1972 na Escola Paulista de Enfermagem.

(**) Doutora em Enfermagem. Professora de Didática aplicada à Enfermagem.

novidades incorporadas pelo processo de mudanças, encontrem-se algumas de repercussão duvidosa para a qualidade de assistência de enfermagem que se deseja oferecer. O que se espera, o que é altamente desejável, é que essas mudanças se processem num sentido positivo para a nossa profissão; que, embora adotando tudo o que a ciência e a técnica moderna ensinam e facultam, a enfermagem continue guardando e defendendo ciosamente a herança que a tradição desse mister essencialmente cristão lhe legou: amor e dedicação ao próximo, satisfação pelo privilégio de servir a pessoa humana, bondade e compreensão para os que sofrem, simpatia para com os infelizes, tolerância para com os simples.

“A enfermagem não precisa ser definida” — este é o título de um artigo da Revista Internacional de Enfermagem, e no qual a autora continua afirmando: “O mais maravilhoso sobre a enfermagem é que ela não pode ser definida; e o mais irônico, é que nunca desistimos de tentar fazê-lo... o perigo da definição é a perda do mistério, da aura e da beleza que a envolvem. A essência da enfermagem resiste aos chamados fatos concretos, não importa quão precisas sejam as pesquisas no seu campo” (1).

Ao iniciar a palestra de hoje, que obviamente deverá versar sobre a profissão que todos nós escolhemos, vejo-me em situação muito difícil — a de falar sobre a enfermagem sem procurar defini-la, o que, aliás, nunca conseguiria fazer, e nem deveria tentá-lo, na opinião da autora acima citada.

Para contornar o assunto, fugindo assim à possibilidade de grandes incorreções e imperfeições, trataremos hoje do tema já muito explorado, mas sempre atual e rico — a enfermeira e a expectativa da comunidade em relação às suas qualidades pessoais e técnicas, e às suas atribuições nos serviços de assistência médico-sanitária.

Faye Abdellah (2) enumera uma série de qualidades e habilidades intelectuais e técnicas que a enfermeira deve possuir, a fim de desempenhar a contento sua tarefa específica de auxiliar a pessoa, sadia ou doente, a atender as suas próprias necessidades de saúde. Considera a enfermagem como a prestação de “serviço aos indivíduos e respectivas famílias, à sociedade portanto”, o que poderá envolver atividades de maior ou menor complexidade, mas todas de igual importância no que concerne ao seu fim último, isto é, assistência integral à pessoa humana em relação à preservação e manutenção de sua saúde, ou do conforto e tratamento no caso de havê-la perdido.

(1) Frances Stolle — Nursing Need Never be defined. *Int. Nurs. Rev.*, 17 (3): 254-256, 1971.

(2) Faye Abdellah et al. — *Patient: centered approaches to nursing*. — 3.^a ed. New York, MacMillan, 1961.

A capacidade de reconhecer os problemas de enfermagem dos indivíduos é citada como a primeira atribuição da enfermeira; e nem poderia deixar de ser, uma vez que de sua habilidade em descobrir esses problemas, identificáveis à simples observação, os aparentes, ou à custa de comunicação psicologicamente orientada, os inaparentes, depende tudo o mais que deverá ser objeto de sua atenção e cuidado.

A decisão sobre as providências que devem ser tomadas, particularmente, em cada instância, a fim de garantir a solução desses problemas, ou pelo menos a sua minoração, e sempre em termos dos princípios relevantes de enfermagem, levam ao planejamento de uma assistência completa, continuada, inteligente e compreensiva, resultado da cooperação entre os membros da equipe de enfermagem, trabalhando unidos em torno de objetivos comuns, o conforto, o bem estar e a segurança de um indivíduo sob seus cuidados, no que se refere às necessidades de saúde.

Mas a equipe de enfermagem assim condicionada não desabrocha do nada; é o produto do trabalho de liderança que a enfermeira deve exercer e que constitui uma outra de suas atribuições, a de instruir o pessoal auxiliar, planejar e coordenar suas atividades, avaliar o resultado de sua atuação junto ao indivíduo e à sua família, e zelar pelo seu progresso pessoal dentro da própria equipe e na instituição onde trabalha, por meio do treinamento em serviço ou da educação continuada.

Seu papel de educadora é amplo e variado; não se restringe ao preparo do pessoal de enfermagem, mas deve ser exercido em sua plenitude junto aos pacientes hospitalizados e suas famílias, e junto aos membros da comunidade a que pertence, tanto no que diz respeito à educação para a saúde, quanto com relação ao desenvolvimento harmônico do homem, em todos os seus aspectos, do biológico ao psicossociológico e cívico. Ao decidir-se pelo exercício de uma profissão a serviço do homem, assumiu um compromisso para com a sociedade, o de torná-la melhor através de sua atuação individual dentro dessa mesma sociedade.

Para que sua atuação seja eficiente e atinja a amplitude desejada e necessária, a cooperação com os demais profissionais da área de saúde é indispensável. Com eles deverá trabalhar no planejamento e para a consecução da meta comum, ou seja de um estado de saúde ótimo para a população, em nível local, nacional e internacional. A avaliação contínua do seu próprio trabalho, e das atividades de sua equipe, é condição primária para o seu êxito como líder e como profissional.

A inconformidade com as práticas de rotina, a curiosidade, e a dúvida e o desejo de inovar e melhorar levará à investigação contínua sobre a eficiência e oportunidade das técnicas existentes e à ela-

oração de estudos que levem ao desenvolvimento de novos procedimentos, a fim de melhor satisfazer as necessidades dos pacientes.

Esta descrição sucinta do que se espera da enfermeira nos leva a considerar o tipo de programa necessário para prepará-la. Não resta dúvida que o currículo deverá apresentar quatro características fundamentais: 1) incluir disciplinas que levem ao conhecimento dos princípios básicos das ciências fisio-biológicas, sociais e do comportamento, essenciais como base para as matérias profissionalizantes, para que a estudante possa aprender a conhecer e compreender o homem sadio ou doente, e com ele comunicar-se com eficiência; 2) conter um elenco de disciplinas de enfermagem fundamentadas na patologia, semiologia e terapêutica médicas, que conduzam à compreensão e interpretação da sintomatologia dos estados de morbidez orgânica ou mental, assim como dos tratamentos prescritos para cada caso; que conduzam ao desenvolvimento da habilidade em reconhecer os problemas de enfermagem apresentados pelos pacientes e em prestar-lhe toda a assistência necessária ao seu conforto físico e psíquico, ao seu pronto restabelecimento, ou à minoração dos seus sofrimentos e desconforto; 3) possuir programas destinados ao crescimento dos estudantes nos aspectos morais e deontológicos e que lhes deem o verdadeiro sentido da profissão, desenvolvendo ao mesmo tempo as atitudes profissionais e éticas que passarão a caracterizá-los no exercício do seu futuro ministério; 4) incluir matérias que facilitem o aprimoramento do futuro profissional nos campos da administração e do ensino, e na iniciação aos trabalhos de investigação, e que conduzam ao seu aperfeiçoamento como pessoa a serviço da comunidade, que deverá trabalhar com o homem e para o homem.

E para conseguir uma formação que implique não somente na aquisição de conhecimentos teóricos mas também e sobretudo no desenvolvimento de habilidades mentais e motoras, de atitudes humanas, éticas e profissionais, o programa educacional deve aliar a teoria à prática, oferecendo ao aluno oportunidade de repetir, durante os períodos de estágio, aquelas experiências clínicas que irão torná-lo capaz de prestar cuidados integrais de enfermagem com eficiência a qualquer tipo de pacientes ou clientes que deles necessitarem; de comunicar-se bem com as pessoas por cuja assistência é responsável; de entrosar-se e colaborar satisfatoriamente com os demais profissionais da área da saúde e com os quais trabalha; de exercer a liderança de sua equipe com proficiência e habilidade; e de continuar seu próprio aperfeiçoamento pessoal e na enfermagem, através de estudos e atividades intelectuais, dentro ou fora da instituição onde trabalha.

O novo currículo mínimo de enfermagem, oriundo do Parecer n.º 163/72 do CFE, apresenta ainda uma excelente oportunidade para como que completar a formação do enfermeiro que o tornará, de fato, numa quase autoridade no seu campo de atuação. É a possibilidade

das escolas oferecerem cursos de habilitação ou especialização nas áreas de enfermagem médico-cirúrgica, obstétrica e de saúde pública, além da habilitação para a docência através da licenciatura em enfermagem. Espera-se que nenhuma enfermeira deixe a escola, daqui por diante, sem uma dessas habilitações abertas à profissão pelo Parecer acima mencionado. Somente o tempo e o ensejo de repetir experiências significativas para o aprendizado, é que poderão facilitar a consolidação dos conhecimentos e a aquisição de hábitos e atitudes que irão caracterizar a verdadeira profissional de enfermagem.

Até aqui falamos sobre as qualidades da enfermeira que levam a eficiência no seu trabalho. Mas isto será, realmente, o suficiente? Responderá pelas características da enfermagem referidas no início desta aula? Pelo mistério, pela aura e beleza que envolvem a prática da enfermagem? Certamente que não. Apenas ressalta os aspectos dos conhecimentos e das habilidades técnico-profissionais que, na ausência das qualidades imponderáveis que devem adornar a personalidade da enfermeira, poderão ser exercidas automaticamente, com a precisão e a impersonalidade de uma máquina.

A compreensão, a dedicação, o calor humano, o respeito pela dignidade da pessoa e pelos seus direitos, o altruísmo e o espírito de servir o próximo constituem qualidades essenciais que todos esperam encontrar na enfermeira. Não podem aparecer na sua vida sob o aspecto teórico das palavras bonitas, mas como vivência diária no exercício de sua profissão e nas atividades que exerce dentro da sociedade a que pertence.

Simplesmente cumprir o dever com competência, honestidade e precisão não é mérito, é uma obrigação da qual nunca poderá fugir, sob pena de se desprestigiar, e à sua classe, se o seu comportamento ou a sua atuação reverterem em prejuízo para o paciente; se não fizer mais do que sua obrigação, estatuida em normas, regulamentos ou funções, estará se distanciando da expectativa da comunidade à qual deve servir.

Mas exercer o seu ministério com amor e solicitude, oferecendo compreensão e simpatia, distanciando-se da rotina para proporcionar mais e melhor atenção e carinho aos doentes e às pessoas que dela necessitam, seja para cuidados de enfermagem, conselhos e orientação, ou apenas como ouvinte silenciosa e compreensiva, esse é o verdadeiro sentido de servir, que deverá nortear a atuação da enfermeira em qualquer atividade a que venha dedicar-se.

Para as estudantes que hoje ingressam nesta escola de enfermagem e para as veteranas que ainda não visualizam a enfermagem como uma profissão a serviço do homem, repetimos o "slogan" da campanha da fraternidade, de 1972 — "descubram a felicidade de servir".

Na qualidade de presidente da Associação Brasileira de Enfermagem (ABEn) não poderia deixar de focalizar um outro aspecto na formação da enfermeira — o de prepará-la para uma participação

ativa e produtiva na sua associação de classe. A ABEn necessita do concurso da juventude para preservar e inovar. Preservar a tradição de serviço desinteressado a todas as enfermeiras, membros ou não da entidade; de colaboração com as demais associações de classe, com as instituições educacionais e sanitárias, governamentais ou particulares, sob a forma de apoio ou assessoria; de participação ativa nas atividades programadas pelas federações ou entidades de enfermagem de caráter regional ou internacional; enfim preservar a tradição de porta-voz das enfermeiras do Brasil e fonte de quase todos os movimentos tendentes a provocar o avanço e o progresso da profissão.

E inovar no sentido de criar novas formas de atuação a fim de apressar a consecução de todos os seus objetivos, dentre os quais ressalta a colaboração para a melhoria da assistência de saúde do povo brasileiro.

Educar para a participação nas atividades da associação de classe é uma obrigação a que nenhuma escola poderá fugir; filiar-se à entidade que a representa e por quem trabalha é um dever ético ao qual nenhuma enfermeira poderá furtar-se; e quando o faz, alheian-do-se dos problemas de sua profissão, não pode ser considerada uma profissional formada, completa — falta-lhe o sentido do “envolvimento” nos problemas que afetam a comunidade, sob os aspectos sanitários, sócio-culturais e cívicos.

E é durante o curso que a estudante de enfermagem deve se preparar para assumir o seu papel na Associação Brasileira de Enfermagem ou de ter a oportunidade de dar e de receber. Dar colaboração e serviços para auxiliar na obtenção das metas pelas quais a entidade luta, em favor do bem comum; receber os benefícios proporcionados, no plano afetivo, pela união e a convivência entre colegas; e facilitados no plano profissional, pelas reuniões científico-culturais e pelos congressos anuais.

Prezadas estudantes, esta é a mensagem que eu trouxe para todas: de amor e dedicação à profissão que abraçaram, porque leva ao amor e dedicação à pessoa humana; de participação e envolvimento nos problemas da comunidade, que são meus, nossos, da Pátria comum.

RESUMO

A autora fala sobre a necessidade de preservar os valores essenciais da profissão e chama a atenção sobre as expectativas da comunidade em relação às qualidades pessoais e técnicas da enfermeira. Apresenta quatro importantes características do programa de enfermagem, responsáveis pelo desenvolvimento de tais qualidades, pondo ênfase nos aspectos do crescimento moral, ético, profissional e associativo.

SUMMARY

Nursing and Nurses

The author discusses the need to preserve the essential values of the profession and calls attention to the expectations of the community in relation to the personal and technical qualities of the nurses. She presents the four main characteristics of the nursing program responsible for the development of such qualities, emphasizing the aspects of moral, ethical and professional growth.

CARVALHO, Amália C. — Enfer-
magem e enfermeiras.
Rev. da Esc. Enf. USP 7(1):
7-13 — mar. 1973.